

FESPSP - FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
FABCI - FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
DEBORAH LINDAU PEPE

**CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE E O IMPACTO NA
PATERNIDADE**

São Paulo

2019

DEBORAH LINDAU PEPE

**CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE E O IMPACTO NA
PATERNIDADE**

Trabalho Temático apresentado às disciplinas do 2º semestre do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

São Paulo

2019

Eu peço para todos os homens para lembrar qual idade tinham e qual era o contexto quando ouviram que tinham que ser homens. Eu acho que essa é uma das frases mais destrutivas da nossa cultura. (informação verbal)¹

¹ Frase dita por Joe Ehrmann, no documentário *The Mask You Live In*, disponível na Netflix, em 2015.

RESUMO

Sob a luz do romance “Éramos Seis” de Maria José Dupré, este trabalho tem como objetivo fazer uma breve introdução a autora, apresentar os principais personagens e a relação entre eles, resumir a obra, para que o leitor tenha um breve contexto sobre o relacionamento das personagens e abordar o tema sobre a construção da masculinidade, sua desconstrução e a relação dela com a paternidade.

Palavras-chave: Masculinidade. Paternidade. Desconstrução. Éramos Seis. Júlio.

ABSTRACT

In the light of Maria José Dupré's novel "Éramos Seis", this paper aims to make a brief introduction to the author, present the main characters and their relationship, summarize the book, so that the reader has a brief context about the relationship of the characters and address the theme about the construction of masculinity, its deconstruction and its relationship with fatherhood.

Keywords: Masculinity. Paternity. Deconstruction. Éramos Seis. Júlio.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.1 Maria José Dupré	6
1.2 Personagens principais e a relação entre eles	6
1.3 Resumo da Obra	7
2 CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE E O IMPACTO NA PATERNIDADE	9
2.1 Relação masculinidade e paternidade.....	9
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	13
REFERÊNCIAS.....	14

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho toma como discussão central a masculinidade e sua intrínseca relação com a paternidade, para isso tomaremos como ponto de partida o romance brasileiro de Maria José Dupré, intitulado “Éramos Seis”.

A dissertação introduzirá o leitor à escritora, aos personagens da obra “Éramos Seis”, bem como a relação entre eles e ao resumo da história, a construção da masculinidade e a sua desconstrução e como ela impacta na paternidade.

1.1 Maria José Dupré

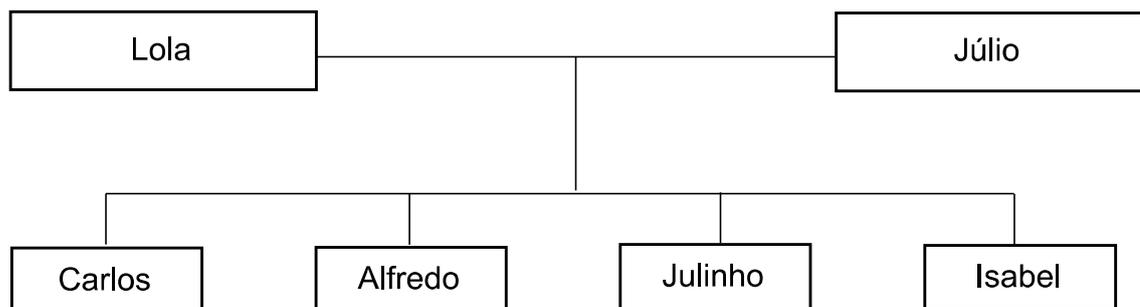
Maria José Dupré, nasceu em Botucatu, São Paulo. Seu ano de nascimento diverge entre duas datas, 1º de maio de 1898 e 1º de maio de 1905. Alfabetizada por sua mãe e seu irmão, também estudou Música e Pintura, seus hábitos literários surgiram antes mesmo de entrar para a escola, com o hábito de leitura vindo de seus pais. Sua primeira obra intitulada “O Romance de Teresa Bernard” foi lançado em 1941, mas seu livro mais famoso é “Éramos Seis”, publicado em 1943, premiado pela Academia Brasileira de Letras.

Dupré acumulou cerca de 21 trabalhos entre contos, livros infantis e romances. Faleceu em 15 de maio de 1984 aos recém feitos, 86 ou 79 anos.

1.2 Personagens principais e a relação entre eles

O Romance conta com cerca de vinte personagens entre principais e secundários, mas para esta dissertação tomaremos apenas os personagens principais, responsáveis pelo tema deste trabalho.

O mapa conceitual a seguir mostra quem são os personagens e a relação entre eles.



Portanto, a partir do mapa conclui-se que, Lola e Júlio são casados e pais de três meninos e uma menina, por ordem do filho mais velho para o mais novo: Carlos, Alfredo, Julinho e Isabel.

A partir destes personagens, a seguir trataremos do resumo da obra e a transformação de paternidade/masculinidade ao longo dos anos.

1.3 Resumo da Obra

O romance é uma narrativa em primeira pessoa, feita por Lola e se passa na cidade de São Paulo e Itapetininga, cidade natal da narradora.

A obra se inicia com Lola, matriarca da família Lemos passando em frente à sua antiga casa, por volta dos anos 1940 e lembrando que fora lá onde criou seus filhos e que foi o palco de todas as histórias envolvendo sua família. A partir de então, Lola adentra em suas lembranças e começa a nos contar o dia-a-dia e os acontecimentos que envolvem todo o romance.

Quanta saudade eu tenho desse tempo da Avenida Angélica, quando meus filhos eram crianças e vivíamos todos juntinhos com Júlio, meu marido, como passarinhos em gaiola. (DUPRÉ, 1987, p. 7).

Lola, casada com Júlio, pais de quatro filhos. Se mudam para a casa da Avenida Angélica e por todos os anos que residem lá, se esforçam para pagar as parcelas para a quitação da casa.

Júlio Lemos, marido de Lola, trabalha em uma loja de tecidos. Lola ajuda com as contas da casa fazendo tricôs e doces para fora.

Lola, mãe dedicada, se desdobra para cuidar de seus quatro filhos e marido. Júlio, o pai, pouco afeito a afetuosidade, acreditava que tratar apenas da subsistência da família, era sua obrigação como pai e marido.

- Diga quem manda nesta casa? Quem é que paga tudo? Hein? Por que não fala? Chego exausto do serviço, sento na mesa pra jantar e ela [Lola] vem me dizer que não devo comer isto ou aquilo. Fique sabendo que como o que quero e ninguém tem nada com isso. Ouviu? Ninguém! (DUPRÉ, 1987, p. 8).

Anos depois, em 1926, Júlio falece em decorrência de problemas estomacais.

Deixando Lola, seus quatro filhos e a última prestação da casa da Avenida Angélica.

Lola e os filhos, após a morte de Júlio, tratam de trabalhar para quitar a casa. Cada filho com sua particularidade, traziam alegrias e tristezas para a mãe.

Em 1942, Lola, já idosa, encerra sua narrativa contando o destino de cada filho. Carlos, seu grande amigo, falecido. Alfredo, o filho problemático, viajando pelo mundo como marinheiro. Julinho, o filho bem-sucedido, bem casado e morando no Rio de Janeiro. Isabel, a única filha, menina enérgica e temperamental, se casou com um homem divorciado.

Sinto-me feliz; estou perto de Carlos, visito-o todos os domingos, levoolhes rosas e ao lado do seu túmulo, recordo nossa vida numa rápida recapitulação.

Penso que cada um dos meus filhos está feliz, porque seguiu o caminho escolhido.

Desde pequeno, Julinho gostou do dinheiro (...).

Alfredo tem o que quer; sem responsabilidades, sem pensar no futuro, sem se preocupar com o que ficou pra trás, vive ao sabor da aventura, de terra em terra, de mar em mar (...).

Isabel casou com o homem que escolheu; não houve nada; nem conselhos, nem ameaças, nem lágrimas que a demovessem. Trabalha e luta; auxilia o marido ganhando a vida, adora os filhos (...).

Carlos foi o único que não escolheu, foi escolhido. (DUPRÉ, 1987, p. 189).

2 CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE E O IMPACTO NA PATERNIDADE

Falar sobre paternidade é, também, falar sobre masculinidade. Segundo Evangelista, a masculinidade não pode ser encarada como inerente a identidade masculina e sim como historicamente construída.

O documentário “The Mask You Live In”, disponível na Netflix, traz a neurocientista Lise Eliot que aponta a crença de que homens e mulheres são fundamentalmente diferentes, mas na realidade o sexo é um termo biológico, que se refere aos cromossomos X e Y e o gênero é uma construção social. Ainda no documentário o psicólogo Michael Thompson aponta que se aplicados 50 mil testes em homens e os mesmos 50 mil testes em mulheres os resultados coincidirão em 90 por cento. O que corrobora os estudos de que homens e mulheres são iguais, porém os 10 por cento que ficam fora da combinação é o que determina essa construção de esteriótipos.

Outro apontamento feito no documentário pela pediatra Nadine Burke-Harris é o processo chamado “Proliferação e Poda”, que é quando o cérebro faz diversas conexões e as que o indivíduo mais usa são reforçadas pelo cérebro e as que não são, são descartadas. Ou seja, reforçar para uma criança que ela é um menino e “meninos não choram”, incute a ideia de que pessoas do sexo masculino não devem externalizar seus sentimentos.

A explicação científica nos diz muito, portanto, como a relação de paternidade é construída.

2.1 Relação masculinidade e paternidade.

Em *Éramos Seis*, Júlio é um pai austero, pouco afetuoso. Preocupado em prover para a família. A criação dos filhos era de quase total incumbência de Lola e ele demonstra isso quando Alfredo foge de casa, depois de ter apanhado do pai por ter tirado notas ruins.

Às três da manhã, Júlio começou a se desesperar, dizendo que eu era culpada [Lola]; que se fosse mais enérgica, ele não fugiria, e que eu estragava a educação dos filhos com os mimos que dava; que não se pode fazer a vontade das crianças como eu fazia e o resultado era esse (DUPRÉ, 1987, p. 38-39).

Portanto, ao homem, na construção da masculinidade, cabia o olhar amedrontador. Segundo Matos, o que denominava o homem ser “bom pai” era ele ser honrado, trabalhador e provedor. Eram educados para gostar de futebol, não chorar e além disso, ser sexualmente ativos.

Segundo Guilherme Valadares do site Papo de Homem, 67% dos homens sentem vontade de falar sobre seus medos e angústias com os amigos e não o fazem, por medo de julgamento e ainda, 45% dos homens gostariam de ser mais abertos e carinhosos, mas não sabem como e 81% deles gostariam de cuidar mais da saúde, mas também por medo de julgamentos, não cuidam (informação verbal)².

Todos esses aspectos impactam de maneira direta a relação do homem como pai, pois trazem consigo o estigma de que precisam ser fortes, não demonstrar medo ou insegurança. O modo como um pai se relaciona com o filho e carrega a masculinidade tóxica intrincada, refletem de maneira direta a vida em sociedade.

A desconstrução da masculinidade começa a partir da entrada da mulher no mercado de trabalho.

encontramos um aspecto fundamental, que se refere às modificações relativas ao papel feminino. Fala-se que a mulher da contemporaneidade está diferente, com maior independência emocional e financeira, que também está mais ativa e com maior liberdade sexual. Além das modificações que isso tudo vem gerando na vida das mulheres de hoje, essas mudanças certamente tiveram um papel importante no processo de transformação e questionamento do masculino, como um agente alavancador de um homem mais capaz de trocas afetivas e de demonstração de fragilidades. (DIEHL, 2002 apud STAUDT; WAGNER, 2008)

A transformação da masculinidade têm impactado a paternidade que vem se transformando a cada ano, segundo o relatório da Promundo de 2019, 83% dos pais brasileiros relatam brincar com seus filhos, 46% afirmam cozinhar e 55% se responsabilizam por dar banho. E ainda:

Existem evidências claras sobre o impacto positivo do envolvimento do homem no cuidado para a vida de crianças e mulheres, especialmente para a saúde materno-infantil, desenvolvimento cognitivo da criança, empoderamento da mulher, além de apresentar consequências positivas para a saúde e bem-estar dos próprios homens. (PROMUNDO-BRASIL, 2016).

² Informação fornecida por Guilherme Valadares no TEDx Talks Rua Portugal, em Brasília, em 2017.

Como citado, a Promundo afirma que o envolvimento do homem com a família traz consequências positivas até mesmo para a própria saúde. Em contrapartida, em Éramos Seis, Júlio, homem nascido no século XIX, se sente incomodado com constantes dores no estômago e repreende Lola em diversos momentos, por sempre lhe chamar a atenção para não ingerir alimentos que o faziam sentir mais dor e que o fazia ficar pior e por não procurar por um médico logo que começa a se incomodar com as dores. Júlio falece, decorrente de problemas estomacais.

Os médicos tinham contado que era uma úlcera bem grande e havia outras complicações. (...) Todos correram; vieram enfermeiros, médicos e empregados. (...) Era o coração que não resistia (...) passou a noite muito mal, respirando à custa de balões de oxigênio; não falou mais, nem conheceu ninguém. No dia seguinte cedo, morreu. (DUPRÉ, 1987, p.85).

Todos estes estudos sobre o tema da masculinidade tornou o Brasil um dos países referência no assunto. Muito se deve a academia, que tem suscitado mais pesquisas em torno do tema, como também marcos civis que abarcam, além do tema da paternidade, como também a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres.

Constituição Federal, de 1988: Art. 5º - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações(...); e Art. 226: § 5º - Os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher. (BRASIL, 1988).

Código Civil (Lei n. 10.406), de 2002: Art. 1.511. O casamento estabelece comunhão plena de vida, com base na igualdade de direitos e deveres dos cônjuges. (BRASIL, 2002).

Estatuto da Criança e do Adolescente, (Lei 8.069), de 1990: Art. 21. O poder familiar será exercido, em igualdade de condições, pelo pai e pela mãe, na forma do que dispuser a legislação civil (...). (BRASIL, 1990).

Nota-se, na citação acima, que apenas na constituição de 1988 coloca-se homens e mulheres no mesmo patamar de deveres e obrigações, ainda que nos dias de hoje isso ainda é muito discutido, pode-se afirmar que em Éramos Seis tal discussão ainda não estava em voga, visto que a criação dos filhos é quase que totalmente exclusividade de Lola, ainda que Júlio, vez ou outra, fazia presença

repreendendo os filhos e sendo presente, mas sem muito pensar e dependia muito do seu humor.

Júlio era assim: algumas vezes quando o caso não requeria grandes penas, perdia a cabeça e repreendia duramente; outras vezes quando devia passar um bom sermão ou dar um castigo aos meninos, dizia duas ou três palavras e encerrava o incidente. Outras vezes ainda, por causa de uma lápid quebrado, falava uma hora inteira. Por isso eu me sentia só na educação dos filhos; e não tinha força o bastante para conter os ímpetos dos quatro. A paixão de Júlio era Isabel; para Isabel era tudo: doces, balas, dinheiro, carinhos. Eu precisava chamar a atenção dele, dizendo: “Júlio, dê aos outros também”. Então ele dava, mas nunca com boa vontade. (DUPRÉ, 1987, p. 48).

Diante disso, ainda que o Brasil seja referência nestes assuntos, existe a necessidade que a sociedade e as políticas públicas se engajem nesta transformação, pois:

[buscar] desconstruir estereótipos de gênero são extremamente importantes, já que a compreensão social de que a gravidez, o parto e o cuidado de crianças são ‘assuntos femininos’ representa um dos maiores obstáculos ao envolvimento dos homens. (PROMUNDO-BRASIL, 2016).

E ainda,

A participação dos homens no parto pode representar um momento decisivo para que se envolvam mais no cuidado de seus filhos ao longo da vida, conforme revela a pesquisa IMAGES. Esta ligação pode ser mais duradoura se o vínculo for construído o mais cedo possível e o parto pode ser este momento por estar envolvido de uma carga emocional muito grande. Existem pesquisas que demonstram que a presença do pai, quando estes estão preparados, influencia na facilitação do trabalho de parto e menor utilização de anestesia epidural, por exemplo. (PROMUNDO-BRASIL, 2016).

Contudo, por mais que a transformação esteja acontecendo e que a cada dia o homem perceba que ele pode e deve assumir mais responsabilidades como pai e como marido, há um longo caminho a ser trilhado, pois segundo matéria jornalística do portal UOL em 2015, com fontes do IBGE, mais de 1 milhão de famílias são compostas por mães solo e só no Estado de São Paulo, existem cerca de 750 mil pessoas que não têm o nome do pai no registro de nascimento.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatar que a masculinidade é uma construção da sociedade é o primeiro passo para a desconstrução dela. Colocar o homem como ser humano que tem medos, frustrações, conflitos internos e que ele pode e deve compartilhar seus sentimentos com os seus, é um segundo e importantíssimo passo para a transformação da paternidade.

Colocar homens e mulheres no mesmo patamar, com as mesmas condições e possibilidades, contribui para uma sociedade igualitária e com filhos mais saudáveis.

Entender que tudo está relacionado, desconstrução da masculinidade com a transformação da paternidade, não criar, principalmente filhos meninos com o estereótipo do homem que não chora e que “tem que ser homem” porque o homem está sob o controle de todas as suas ações, reverbera na vida em sociedade. Pode-se até colocar como equação lógica, menos homens estereotipados, com a emocionalidade restrita, menos mortes, menos acidentes de trânsito, menos homens presos por cometerem crimes.

Contudo, a transformação é uma mudança de mentalidade coletiva que requer tempo, paciência, empatia e acolhimento.

Por fim, vale ressaltar que Júlio, um homem do século XIX e XX, e a família Lemos são os estereótipos de seu tempo com as devidas ressalvas, família branca, classe média de São Paulo. Cabe estudo mais aprofundado para casos mais específicos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_15.12.2016/art_5_.asp. Acesso em: 17 nov. 2019.

BRASIL. **Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002**. Institui o código civil. Brasília: DF [2019]. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10631976/artigo-1511-da-lei-n-10406-de-10-de-janeiro-de-2002>. Acesso em: 17 nov. 2019.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências. Brasília: DF [2019]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 17 nov. 2019.

CARASCO, Daniela. “Vivemos uma epidemia social de abandono paterno” diz promotor. UOL Universa, São Paulo, 10 abr. 2018. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/04/10/vivemos-uma-epidemia-social-de-abandono-paterno-diz-promotor.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 17 nov. 2019.

DUPRÉ, Maria José. **Éramos Seis**. 30 ed. São Paulo: Editora Ática, 1987. (Série Vagalume).

EVANGELISTA, Marcela Boni. História dos homens no Brasil: novos olhares e desafios para a pesquisa. Cadernos Pagu: Unicamp, Campinas, n. 49, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332017000100603&script=sci_arttext. Acesso em: 17 nov. 2019.

MARIA José Dupré. *In*: WIKIPÉDIA: the free encyclopedia. [Saint Petersburg, FL: Wikimedia Foundation, 2019]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Jos%C3%A9_Dupr%C3%A9. Acesso em 27 out. 2019.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Por uma história das sensibilidades: em foco – a masculinidade**. Paraná: UFPR, 2001. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/download/2658/2195>. Acesso em: 17 nov. 2019.

PATERNIDADE e masculinidade: machinhos ou serumaninhos? [S. l. : s. n.], 2017. 1 vídeo (10 min). Publicado pelo canal Pai Todo Dia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RFw4YrrMAkY>. Acesso em: 17 nov. 2019

PESSOA, Carlos. **Maria José Dupré: a vida e a obra da escritora botucatuense que foi muito além de Éramos Seis**. Botucatu, 29 set. 2019. Disponível em: <https://conteudo.solutudo.com.br/botucatu/maria-jose-dupre-a-vida-e-a-obra-da-escritora-botucatuense-que-foi-muito-alem-de-eramos-seis/>. Acesso em: 27 out. 2019.

QUEBRANDO o silêncio: como os homens se transformam: Guilherme Valadares: TEDx rua portugal, [S. l. : s. n.], 2017. 1 vídeo (16 min). Publicado pelo canal TEDx Talks. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gw09QIQE7J4>. Acesso em: 17 nov. 2019

STAUDT, Ana Cristina Pontello; WAGNER, Adriana. Paternidade em tempos de mudança. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, vol. 10, n. 1, p. 174-185, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1938/193818625013.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2019.

THE MASK you live in. Direção: Jennifer Siebel Newsom. Roteiro: Jessica Anthony; Jessica Congdon; Jennifer Siebel Newsom. Musica: Eric Holland. EUA. 2015. 1 vídeo (92 min). Publicado por Netflix. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/80076159>. Acesso em: 17 nov. 2019.